

ARTIGO

JEAN-JACQUES DESSALINES, “O SELVAGEM”

A QUESTÃO DA MINIMIZAÇÃO HISTÓRICA

FRANTZ ROUSSEAU DÉUS

Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e Pesquisador de Pós-Doutorado no “Projeto Uhayele de Ação Afirmativa: inclusão, acesso e permanência de pessoas negras no Programa de Pós-Graduação em Enfermagem Stricto Sensu da Unicamp” na Faculdade de Enfermagem (FENF) - Universidade Estadual de Campinas/UNICAMP.

E-mail: frantzrousseauheus@yahoo.fr

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-3073-3796>

BERNO LOGIS

Doutorando em História pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP) e Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail: lesaged18@yahoo.fr

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2991-4290>

RESUMO: O propósito deste artigo é discutir por meio de uma revisão bibliográfica a maneira como Jean-Jacques Dessalines, um dos importantes revolucionários negros do final do século XVIII e do início do XIX, é retratado na historiografia dominante naquela época. Minimizado em boa parte da historiografia hegemônica, Dessalines é representado de forma desprezível. O historiador francês Louis Dubroca o trata como bárbaro, essencialmente cruel, “inimigo da cultura e dos valores europeus”. Essa forma de representar Dessalines está relacionada tanto ao lugar do poder na produção da história quanto ao que chamamos de minimização histórica, que seria um processo de redução ao mínimo da importância e do valor de figuras importantes na historiografia de forma geral, seja por questão de raça, seja por questão de gênero. A minimização da figura do líder da Revolução Haitiana (1791-1804) ocorreu pelo seu pertencimento ao grupo de seres humanos que a ciência e a filosofia euro-americanas consideram inferior racialmente.

PALAVRAS-CHAVE: Jean-Jacques Dessalines; Minimização histórica, historiografia dominante, racismo.

JEAN-JACQUES DESSALINES, "THE SAVAGE"

THE QUESTION OF HISTORICAL MINIMIZATION

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss, through a bibliographic review, the way Jean-Jacques Dessalines — one of the important Black revolutionaries from the late 18th to early 19th centuries — is portrayed in the dominant historiography of that time. Largely minimized in hegemonic historiography, Dessalines is depicted in a contemptible manner. The French historian Louis Dubroca characterizes him as a barbarian, essentially cruel, and an 'enemy of European culture and values.' This way of representing Dessalines is related both to the place of power in the production of history and to what we call historical minimization, which would be a process of reducing to a minimum the importance and value of important figures in historiography in general, whether for reasons of race, whether due to gender. The figure of the leader of the Haitian revolution of 1791-1804 was minimized because he belonged to a group of human beings that Euro-American science and philosophy considered to be racially inferior.

KEYWORDS: Jean-Jacques Dessalines; Historical minimization, dominant historiography, racism.

DOI: <https://doi.org/10.23925/2176-2767.2024v80p307-332>

Recebido em: 09/07/2024

Aprovado em: 04/10/2024



Introdução

As lutas pela liberdade que se iniciaram oficialmente em 1791 no Haiti, então colônia francesa, deixaram os colonizadores e seus apoiadores perplexos, ao perceber a determinação dos escravizados e das escravizadas para conquistar a liberdade e se libertar do jugo da escravidão. Com a Proclamação da Independência do Haiti em 1º de janeiro de 1804, os colonos não desistiram de lutar para reconquistar a posse perdida (Vastey, 1814; 1816; Janvier, 1884). Para este objetivo, eles promoviam todo tipo de justificativas, elaborando múltiplos planos estratégicos para reconquistá-la. Publicaram artigos de jornais e livros não só para lamentar as perdas, mas também para afirmar como era inadequado que ex-escravizados e ex-escravizadas dirigissem um país livre (Janvier, 1884; Price, 1898). A partir disso, discursos depreciativos e evidentemente racistas se multiplicaram buscando deslegitimar tanto a Revolução Haitiana quanto os sujeitos dessa revolução.

Ignorando por completo a desumanização propiciada pelo sistema colonial-escravista, muitos dos líderes da revolução foram tratados como selvagens e foram reduzidos à uma dimensão bruta e como se fossem desprovidos de intelecto e de iniciativas próprias (Vastey, 1814; 1816). Um dos líderes da Revolução Haitiana que mais sofreu dessa minimização é Jean Jacques Dessalines. Ao considerar o tratamento dado a esse último na historiografia euro-americana do século XIX, propomos discutir o que chamamos de minimização histórica que seria o processo de redução depreciativa de um evento histórico grandioso, da contribuição de um sujeito, de um grupo ou de um povo na realização de algo grandioso.

A minimização histórica ocorre quando um evento histórico X, a contribuição do sujeito Y ou do povo Z são tão marcantes e grandiosos, portanto, não podendo ser ignorados, mas ao referir-se, a dita historiografia trata tais eventos e/ou tal contribuição sem o devido valor, ou ainda, minimizam sua importância e sua grandeza. Por meio de uma revisão bibliográfica de fonte histórica particularmente da primeira metade do século XIX sobre a figura de Dessalines debruçarmos sobre a minimização histórica.

O final do século XVIII e o início do século XIX é um período marcante na luta contra o sistema colonial-escravista: foi quando escravizados e escravizadas provaram sua consciência da liberdade por meio das armas

(Vastey, 1814) e da ação política de fundar uma nação negra livre. Não apenas isso, mas foi naquele período que proliferaram trabalhos de pretensão científica que não só comprovaram a inferioridade e superioridade raciais, mas também a compatibilidade de africanos e africanas concebidos como negros à escravidão. A Revolução Haitiana teve lugar importante nesse processo na medida em que tenha contestado os argumentos que legitimaram a exploração e dominação de uma grande parte dos seres humanos. Porém, tanto esta Revolução quanto seus líderes foram minimizados.

De antemão, deve-se destacar que Jean-Jacques Dessalines desempenhou um papel crucial na luta pela independência do Haiti, proclamando-o como o primeiro estado negro livre das Américas em 1804. Sua liderança foi fundamental para a derrota das forças coloniais francesas e para a abolição da escravidão na ilha. No entanto, muitas narrativas históricas da época, influenciadas por preconceitos raciais e interesses políticos coloniais, frequentemente minimizam sua importância, representando-o como selvagem, bárbaro.

Assim, consideramos três textos nos quais a figura de Jean Jacques Dessalines foi amplamente representada. O primeiro é da autoria de Louis Dubroca, propagandista e defensor do sistema colonial-escravista, publicado em 1804, pouco tempo depois da independência do Haiti. Publicado em 1809, o segundo foi escrito por Michel Étienne Descourtilz, médico e naturalista, a serviço do exército francês que, após a Revolução, se tornou médico das forças armadas de Dessalines. O terceiro foi publicado em 1819 e é da autoria de Phamphile de Lacroix, general de divisão do exército francês, enviado por Napoleão Bonaparte junto com seu cunhado general Charles Leclerc para restabelecer a escravidão. Pamphile conheceu e recebeu Jean-Jacques Dessalines, no primeiro encontro que ele teve com Leclerc.

Além dessas obras, outras fontes que abordam a figura de Dessalines são exploradas. A título de exemplo, pode-se destacar a carta de Leclerc à Napoleão sobre Dessalines. Nela, Leclerc informou que “Dessalines que antes não tinha plano de se rebelar, hoje está pensando sobre, mas eu tenho seu segredo, ele não me escapa, hoje ele não maltrata mais os negros como fazia antes. É um malandro, eu o conheço, eu não posso prender ele hoje, isso colocaria em dúvidas todos os outros negros que estão comigo”. Assim, apesar

das representações depreciativas elaboradas sobre o revolucionário negro, muitos reconheceram sua capacidade de lutar.

O presente trabalho está dividido em quatro pontos. Em um primeiro momento, apresentamos o sistema colonial-escravista e a violência que lhe acompanhava, em seguida, apresentamos a personagem de Jean-Jacques Dessalines e o seu surgimento na sociedade escravista; em um terceiro ponto, discutiremos sobre a forma como ele foi tratado na historiografia dominante euro-americana do século XIX. E por último, com base em análise dessas representações, apresentamos a categoria minimização histórica.

Assim, destacamos que examinar a maneira como a figura de Dessalines e seu legado foram tratados historicamente na literatura da época pode ilustrar não apenas a dinâmica da minimização histórica, mas também a importância de novas leituras críticas que busquem restabelecer de forma imparcial, a contribuição de figuras como ele para a história global e para o entendimento das lutas por liberdade e igualdade levado a cabo pelo povo negro.

1. Sistema colonial-escravista: violência

Os documentos historiográficos tais como códigos que regularizaram o sistema colonial-escravista atestam como a violência foi elemento mediador deste sistema. Não se trata apenas da violência que é inerente ao próprio trabalho forçado, mas também a que limita toda possibilidade dos escravizados e escravizadas de tomar uma posição humana, como pensar em escapar do trabalho forçado e/ou sonhar viver livre. Dentre os documentos que expressam esta dimensão, podemos destacar o *Code Noir* – Código Negro – elaborado pelo então ministro de Estado e da Economia da França, Jean-Baptiste Colbert e publicado pelo rei Luís XIV em 1685. Neste código, encontram-se as provisões jurídico-legais que regularizaram a escravização, o tráfico negreiro, e também que definiram tanto as condições das pessoas escravizadas quanto às prerrogativas dos escravistas em relação a elas (Sala-Molins, 2007). Ele estipulava que as pessoas escravizadas se tornassem propriedade de seus escravistas e sujeitas a suas vontades (Colbert, 1685; art. 28 do *Code Noir*). Essas pessoas foram deslocadas da categoria de seres

humanos para se tornarem *biens meubles* – [bens móveis], assim, atribuindo a elas uma dimensão mercadológica (Mbembe, 2015; Déus, 2024).

A dimensão mercadológica atribuída aos africanos e africanas não foi constatada apenas neste código elaborado pela metrópole Francesa. O historiador Tidiane N'Diaye salienta que as pessoas africanas escravizadas eram consideradas como coisa para todas as potências coloniais traficantes de seres humanos. Ele aponta que nas tarifas aduaneiras britânicas, as pessoas negras foram registradas como mercadoria. Pagamento de direitos de sua exportação foi feito em plena luz do dia para que o cônsul britânico pudesse fornecer estatísticas sobre tal atividade regular (Ndiaye, 2008, p.89). Observação semelhante foi feita no Brasil Império, conforme a classificação de Augusto Teixeira Freitas, no art. 42 da *Consolidação das Leis Civis* (1858), há três classes de bens: móveis, imóveis e as ações exigíveis. Os semoventes faziam parte da classe dos bens móveis, e as pessoas escravizadas pertenciam à classe dos semoventes (Freitas, 2003 [1858], p.35).

A apropriação e a transformação de seres humanos em mercadorias, bens, homens-objetos, homens-metais são expressões de violências sem precedentes (Mbembe, 2015; Déus, 2024). No entanto, queremos retomar alguns artigos do Código Negro para explicitar a violência no sistema colonial-escravista francês, onde emergiu o revolucionário Jean-Jacques Dessalines, pai fundador da primeira Nação negra da era moderna que é também a figura que trataremos neste artigo.

Em relação à violência, digamos que é a própria negação de valor humano ao escravizado e/ou escravizada que explicou a existência de um artigo como o Art.38 do *Code Noir* de 1685 que estipula que

O escravo que fugiu durante um mês desde a partir do dia em que seu senhor o tiver denunciado na justiça, terá suas orelhas cortadas e será marcado com uma flor-de-lis em um ombro; se repetir mais um mês a partir do dia da denúncia, terá o jarrete cortado e será marcado com uma flor-de-lis no outro ombro; e, na terceira vez, ele será punido de morte.

A violência física, em todos os sistemas coloniais-escravistas, não foi um simples método de punição, como salienta o historiador Orlando Patterson. Segundo ele, “o chicote não era apenas um método de punição. Era um dispositivo usado conscientemente para lembrar aos escravos que eles eram

escravos; era uma forma crucial de controle social, sobretudo se lembrarmos que era muito difícil aos escravos fugirem com sucesso” (Patterson, 2008, p. 22). Ao ler as citações acima retiradas no Código Negro, é perceptível que a violência colonial-escravista é bem escancarada, paradoxalmente, para alguns historiadores, este código teria oferecido um tratamento “mais humano” ou menos desumano as pessoas escravizadas nas colônias francesas, quando se trata de comparar à colônia britânica, conhecida por promover condições mais desumanas aos escravizados/as (Vernon, 1998, p. 114). Como um código escrito para garantir a reprodução de um sistema com base no trabalho forçado podia oferecer tratamento humano a um grupo cuja sua humanidade foi negada? Ou seja, como um código tão monstruoso podia oferecer tratamento “mais humano”?

Em relação a monstruosidade do Código Negro, o professor de filosofia política, Louis Sala-Molins, estudioso deste Código considera que este é o “texto jurídico mais monstruoso que os tempos modernos produziram e ainda preservaram meio século da era contemporânea” (Sala-Molins, 1987, p. 9). Por meio deste instrumento jurídico-político e econômico, africanos e africanas transformando em *Nègres*¹ foram empurrados à posição mais baixa da hierarquia estabelecida e foram objetos de todos os tipos de violência (Bonniol, 1995; 2007; Déus, 2024). O rebaixamento de africanos/as ao nível de escravo foi justificado, mobilizando a representação feita sobre esses sujeitos na Idade Média cristã, Louis Sala-Molins retoma as considerações de Höffner (1947), afirmando que

Höffner demonstra suficientemente que a Idade Média cristã gostava de caracterizar os negros, todos negros, tanto por sua robustez física quanto por sua “simplicidade mental” (...). “Robustez” e “simplicidade” que tornavam os negros o tipo de povos escravos por natureza no sentido aristotélico do termo. (Sala-Molins, 1987, p.31) (Tradução nossa).

Ao fazer africanos e africanas escravos e/ou escravas por natureza, eles/as passaram a ser compatíveis com todos os tipos de violência. O filósofo

¹ “[...] o *nègre* não existe como tal. É constantemente produzido. Produzir o *nègre* é produzir um vínculo social de sujeição e um corpo de extração, ou seja, um corpo inteiramente exposto à vontade de um senhor, e do qual se busca obter a máxima rentabilidade. Objeto penoso, o *nègre* é também o nome de um insulto, o símbolo do homem que luta com açoites e sofrimentos, em um campo de lutas opondo grupos e frações sócio-raciais segmentadas” (MBEMBE, 2015, p.36 – Epub (Tradução nossa)).

iluminista Montesquieu afirma que “Aqueles de que se trata são pretos dos pés à cabeça; e têm o nariz tão achatado que é quase impossível ter pena deles” (Montesquieu, 2000, p. 257 [1748]). Se colocarmos essa frase em outros termos, seria “se eles não são humanos, porque ter penas deles?”. O pensador haitiano Joseph Anténor Firmin é enfático ao salientar que “A escravidão é apenas uma injustiça enquanto reconhecermos a igualdade virtual de todos os homens e todas as raças. Admitir sua desigualdade é, portanto, legitimar a servidão daqueles que são considerados inferiores” (Firmin, 1885, p.209).

Sob a justificativa de desigualdade, inferioridade racial, o sistema colonial-escravista perdura por séculos, e horrores e violências que eram seu pano de fundo foram ignorados por muito tempo por aqueles que estudavam situação das colônias francesas (Vastey, 1814).

O intelectual haitiano Jean-Louis de Vastey ou Barão Pompé de Vastey (1781-1820) que presenciou a Revolução Haitiana, empreendeu uma vigorosa leitura crítica e denunciadora deste sistema e em resposta à persistente da retórica colonialista e escravagista dos colonialistas e seus intelectuais orgânicos que insistentemente desumanizaram os povos colonizados. De Vastey escreve na sua obra intitulada *Système Colonial Dévoilé* [Sistema colonial desvelado]:

Ouçã a história do regime colonial e tenha uma ideia, se puder, dos monstros que podem praticar tais crueldades. Colonos que ainda existem, ouçam-me! Vou despertar as cinzas das muitas vítimas que vocês jogaram na tumba e pedir emprestadas suas vozes para desvendar seus crimes. Vou desenterrar essas pobres pessoas que vocês enterraram vivas. Vou questionar os espíritos de meus pobres compatriotas, que vocês jogaram vivos em fornos de fogo; aqueles que vocês espetaram, assaram, empalaram e milhares de outros tormentos diversos inventados pelo inferno! Ao rastrear esses horrores, não espero abrandar seus corações; nós também sabemos disso; eles são mais duros do que o bronze e o aço; sabemos que suas almas de lama são inacessíveis ao remorso e à piedade; conhecemos seu caráter atroz e impiedoso, impassível em seus pontos de vista e sua vingança; sabemos que vocês nunca vão mudar. [...] (Vastey, 1814, p.35) (tradução nossa).

Há nas escritas de Baron de Vastey uma crítica às violências dos europeus contra os povos escravizados. Não se trata apenas de violências físicas, mas também de violência epistemológica, historiográfica, etc. Consequentemente, ele escreve com veemência que:

“Defensor da minha causa e da dos meus semelhantes, não resisti ao desejo de cortar o nó górdio, provando aos ex-colonos, moral e fisicamente, pela caneta e pela espada, que não somos inferiores à sua espécie” (Vastey, 1816, p.13) (Tradução nossa).

Os trabalhos de Baron de Vastey se inscrevem numa tentativa de *provar pela caneta* que os povos escravizados e/ou antigamente colonizados são, sem sombra de dúvida, seres humanos que sentem violência, têm consciência da sua liberdade.

Se Baron de Vastey percebeu a necessidade de provar por meio da caneta que os africanos escravizados eram/são humanos, foi porque revolucionários e revolucionárias haitianos e haitianas já tinham provado por meio de armas que eram humanos, cidadãos portadores de direitos. Jean-Jacques Dessalines é uma figura que ganhou destaque nesse processo, que no dia primeiro de janeiro de 1804, na praça de armas da cidade de Gonaïves, em nome da liberdade e igualdade, proclamou a independência do Haiti, onde jurou que “*renoncer à la France et de mourir plutôt que de vivre sous sa domination*” [renunciar à França e morrer em vez de viver sob sua dominação] (Dessalines, 1804 *apud* Martin & Yacou, 1991, p.9). É esse mesmo Dessalines, após ter contribuído para esse ato grandioso na historiografia moderna, passou a ser tratado como selvagem, imbecil e um ser essencialmente cruel em boa parte da historiografia hegemônica, particularmente a do século XIX. Isto é, tanto ele como sujeito histórico quanto sua contribuição contra o sistema colonial-escravista foram minimizadas.

2. Jean-Jacques Dessalines

O nascimento de Jean-Jacques Dessalines foi registrado em setembro de 1758, o ano em que o líder haitiano François Mackandal havia sido queimado vivo pelos franceses, seguido dos movimentos de envenenamento que ele encabeçou. O ano de 1758 foi marcado por estes dois grandes momentos, entre a nascença, a vida e a morte. A tocha da liberdade que simbolizava a continuação das lutas tinha sido entregue a Jean-Jacques Dessalines, simbolicamente. Mackandal era apenas o tronco da árvore, as raízes eram numerosas e profundas, e já se espalhavam em todas as

plantações. Os jornais *Affiches Américaines*² (1780) e *Gazette de Saint Domingue*³ (1802) registraram uma alta taxa de suicídio entre as mulheres em nome da liberdade. Elas usaram o suicídio como mecanismos de resistências na colônia, nos primeiros períodos. Às vezes, para salvar seus filhos da sociedade escravista, algumas foram obrigadas a abortar, assim que descobriram a gravidez, outras fugiram. Foi neste contexto tumultuado que o pai da nação haitiana veio a nascer.

Capturada e vendida já grávida, a mãe de Dessalines, cujo documentos não comprovam seu nome – sendo chamada de *Peule* ou *Toucouleur* por alguns, resistia entre riscos e incertezas, protegendo sua vida, mas sobretudo, lutando para evitar que seu filho nascesse naquelas condições.

O futuro imperador nasceu no encontro de duas mulheres e toda sua carreira foi influenciada por pessoas de sexo feminino, dado que foi criado, educado e treinado pela sua mãe adotiva, Victoria Montou, também foi alfabetizado por Marie-Claire Heureuse Félicité Bonheur, sua esposa. Dessalines foi o primeiro que integrou mulheres no seu exército. Coroado Jacques 1º em 8 de outubro de 1804, ele instalou um sistema de segurança pessoal dirigido e coordenado apenas por mulheres, encabeçada por Victoria Montou conhecida como Grann Toya (Bello, 2020, p.12).

No dia 19 de setembro de 1758, Victoria Montou ou Grann Toya, na rota de fuga da *plantation*, encontrou-se no seu caminho, uma mulher nas montanhas, jogada em meio aos tufos das grammas que estava prestes a dar à luz, escondida enfrentando inúmeras dores, mas com medo de ser descoberta e ser capturada pelos senhores escravagistas. O encontro e a ajuda da Toya foram necessários para que o parto pudesse ser realizado com sucesso, salvando a vida do recém-nascido, Jean-Jacques Dessalines. Em relação a essas informações, há a hipótese de que Dessalines havia sido concebido na África, de mãe africana e pai africano, mas ele teria nascido em 20 de setembro de 1758, no território que ele mesmo veio a libertar da escravização mais tarde (Bello, 2020).

² *Affiches Américaines de Saint Domingues*, 4 de janeiro de 1780, seção “Esclaves Marrons” número 1, casa de impressão Royal du Cap.

³ *Gazette officielle de Saint-Domingue*/ Bibliothèque nationale de France disponível em gallica.bnf.fr

Divergências relativas à data e o lugar em que Dessalines teria nascido ainda persistem entre autores nacionais e estrangeiros. Autor francês Louis Dubroca, funcionário do governo consular de Napoleão, na sua obra tendenciosa⁴ publicada em 1804, aponta que o líder negro teria pertencido a região da Guiné e tinha sido transportado para o Haiti colonial. François Dalencourt citado por Bertony Dupont, associa 25 de julho de 1758 como a data de nascimento de Dessalines, tomando como justificativa o fato de que o revolucionário negro teria organizado uma festa para comemorar o dia do São João (Saint Jean). A hipótese defendida por este autor, tem seus fundamentos nas tradições e nos costumes nacionais, segundo as quais, os pais costumam apelidar seus filhos de acordo ao dia em que ocorre o nascimento e o dia comemorativo de um santo. Por exemplo, quem nasceu em 19 de março, data comemorativa do São José, provavelmente teria o nome Joseph (José) em homenagem ao dito santo. Mas, esta lógica se difere no caso de Jean-Jacques Dessalines, dado que seu nome se originou em nomes de seu penúltimo senhor (Jacques Duclos e do último, Jean Baptiste Des Salines, como mencionado por Dupont (2006, p.74) e Bello (2020, p.14). Claude Bonaparte Auguste e Michel Oriol apontam respectivamente 17 e 2 de fevereiro de 1758 como datas prováveis do nascimento de Dessalines. Nas pesquisas mais recentes, Bayyinah Bello, com muito mais detalhes, trouxe mais precisão e confirmou a data de 20 de setembro de 1758, sendo admitida e celebrada como dia oficial do nascimento do Dessalines (Bello, 2020).

Dessalines foi um dos raros, senão o único dos líderes da Revolução Haitiana que vivenciou e acompanhou todo o processo revolucionário, entre agosto de 1791 e janeiro de 1804. Desde as plantações, Jean-Jacques Dessalines apresentava uma certa particularidade pelo seu caráter, sua habilidade, e pela sua capacidade de se expressar em vários idiomas, além do crioulo e do francês. Isso facilitou que ele pudesse interagir com os diferentes grupos étnicos, permitindo que conhecesse melhor o sistema no qual estava inserido. Porém, apesar de sua múltipla habilidade, e devido a sua cor de pele escura, ele como outros escravizados trazidos para colônia, foram

⁴ Digamos que uma obra tendenciosa porque a sua qualidade histórica é duvidosa devido ao seu caráter imparcial, sobretudo no modo de analisar a imagem e interpretar os fatos relacionados ao Jean-Jacques Dessalines.

discriminados com discursos estereotipados baseados no tipo de cabelos, forma de nariz, até no sotaque quando se comunicava em francês.

C.L.R. James (2000) salienta que haviam escravizados que se achavam superiores aos outros grupos, sobretudo, aqueles que nasceram na colônia, (geralmente possuem cor de pele mais clara) e tiveram um certo domínio da língua francesa. Portanto, Dessalines, embora tenha nascido na colônia, sua pele era mais escura, ele recusava demonstrar que ele teria se apropriado do idioma em que seus senhores o abordavam. “Ele fingia que não compreendia francês, aos senhores, ele respondia apenas em crioulo, era chamado de selvagem por ter rejeitado tudo que pertencia a França, incluindo tudo que havia sido imposto; língua, religião”, pontuou, Victor Schoelcher, *apud* Dupont, (2006, p.78). Mas, Dessalines não se incomodava ao ser chamado de selvagem, ele se sentiu orgulhoso e dizia ser um selvagem africano. Na sua concepção, significa dizer, ser natural, ser alguém em contato com a natureza, que conhece e respeita as regras do espaço em que nasceu, em que vive, realça Bayyinah Bello (2019).

Jean-Jacques Dessalines vivenciou as lutas, sofreu as atrocidades do sistema e continuou acompanhando passo a passo os ocorridos na colônia. É difícil apontar uma data precisa da emergência oficial de Dessalines no movimento revolucionário. Alguns autores mencionam setembro de 1791 como período que integrou as tropas dirigidas por Jean François e Georges Biassou⁵. Enquanto Louis Dubroca registrou seu início nos movimentos revolucionários que antecedem a revolução de 1791, ou seja, segundo este autor, Dessalines marcou sua presença no processo revolucionário bem antes do general Toussaint Louverture (Dubroca, 1804, p.20). Outros pesquisadores apontam seu início em 1792, senão, na metade de 1793, ao lado de Toussaint, (primeiro encontro dos dois) em um cenário complexo, opondo-se em um primeiro momento a um jogo colonial duplo, espanhóis e franceses, antes dos ingleses.

Após ter liderado uma série de lutas sangrentas, Dessalines ganhou a confiança dos generais, e se tornou capitão do exército espanhol. No final de 1794, ainda no contexto tumultuoso, com a França e a Espanha, que se ergueram como principais donos legítimos do território, houve um conflito

⁵Primeiros líderes do exército indígena [armée indigène] entre (1791-1794)

direto na colônia entre seus principais representantes. Toussaint Louverture e Jean-François, dois líderes negros oriundos da mesma categoria social, considerado como dois dos mais sagazes espíritos de toda ilha, se hostilizaram, defendendo os interesses coloniais. De um lado, Jean-François foi preservar os interesses da monarquia espanhola, de outro, estrategicamente, Toussaint voltou a se juntar aos republicanos franceses.

Nas lutas antissistema colonial-escravista, ao lado de figuras revolucionárias como Toussaint Louverture, Henry Christophe, Alexandre Pétion entre outros, Jean-Jacques Dessalines é considerado como figura de grande destaque da Revolução de 1791-1804. Em relação a Dessalines, ainda hoje, existe no Haiti um laço que mantém a população conectada⁶ com a sua imagem heroica, superando qualquer outra figura dos líderes nacionais, que remonta a época colonial, e é caracterizado por um sentimento que agrupa as categorias mais baixas da sociedade. Ou seja, as massas: os novos livres e as mulheres.

3. Jean-Jacques Dessalines na historiografia euro-americana do século XIX

Muitas das narrativas predominantes que circulavam e que ganhavam destaque sobre Jean-Jacques Dessalines foram produzidas por pessoas ligadas ao regime colonial francês. O autor francês Louis Dubroca,⁷ propagandista do governo consular napoleônico publicou, em 1804, uma das primeiras biografias de Jean-Jacques Dessalines intitulada, em tradução livre, *Vida de J.J. Dessalines, chefe dos negros de São Domingos: com notas muito*

⁶ O jornalista Wiener Kerns menciona no prefácio do livro "Jean Jacques Dessalines; Itinéraire d'un Révolutionnaire" do historiador Berthony Dupont que Dessalines ainda é um considerado um desconhecido tanto para os estrangeiros quanto para os próprios haitianos. Entendemos que no segundo caso, o autor se refere ao comportamento de alguns autores que continuam reproduzindo certas narrativas coloniais que fazem da imagem de Dessalines um líder sanguinário, no modo como o autor francês Louis Dubroca.

⁷ Há uma certa confusão a respeito do nome de Louis Dubroca. Em um trabalho recente sobre esse autor, Antonio de Francesco alega que o verdadeiro nome do autor não é Louis Dubroca como é catalogado nas bibliotecas, mas sim Jean-François Dubroca que teria nascido em Saint-Sever, uma comuna no departamento de Landes, em 16 de dezembro de 1757 que foi orientado por sua família a exercer o sacerdócio. Ele estava em Paris durante os anos revolucionários e renunciou a seus votos após a queda da monarquia (FRANCESCO, 2022, sem pag.). Não temos uma posição final em relação ao nome do autor, pois constatamos que alguns livros contêm o nome Louis Dubroca. No entanto, uma afirmação de Antonio de Francesco é correta: "Dubroca escreveu as primeiras biografias de Toussaint Louverture (1802) e de Jean-Jacques Dessalines (1804), com traços bastante racistas" (2022, sem. pag.).

detalhadas sobre a origem, caráter e atrocidades dos principais líderes desses rebeldes desde o início da insurreição em 1791 que passou a ser traduzidas em várias línguas após a sua publicação. Nesta obra, todos os líderes da Revolução haitiana são tratados como selvagens, cruéis e bárbaros.

No entanto, Jean-Jacques Dessalines recebeu um tratamento peculiar. Dubroca afirma que Dessalines é “[...] completamente estranho aos costumes europeus, à influência dos seus hábitos e de suas civilizações e de sua linguagem, ele manteve toda a ferocidade, toda a ignorância do clima que o viu nascer; o único sentimento de que a sua alma estava imbuída era a vingança” (Dubroca,1804, p.16). Para Dubroca, o selvagem Dessalines matava sem piedade, para exemplificar, o autor francês destaca que ele executava sem remorso, crianças, mulheres, idosos, inclusive seu próprio senhor. Ele escreve que “[...] a ferocidade deste bárbaro desenvolveu-se com uma energia, da qual a história humana oferece poucos exemplos” (Dubroca,1804, p.17). O autor segue afirmando que Dessalines era o único que não internalizou os costumes e a linguagem europeus ao chegar na América. Além disso, Dubroca salienta que a incapacidade de Dessalines de assimilar a civilização fazia com que ele mantivesse toda ferocidade e ignorância do clima africano (Dubroca,1804, p.16).

Com muitos detalhes e precisões, Dubroca (1804, p.26) apresentou a ferocidade de Dessalines, relatando os mecanismos que empregou para matar os colonos brancos, seus filhos e para destruir todos os seus pertences. Assim, ele escreve: “[...] Encarregado da execução deste terrível atentado, Dessalines demonstrou toda a sua ferocidade. Homens, mulheres, crianças, idosos, todos foram passados pela lâmina da espada ou se tornaram presas da brutalidade dos negros sob seu comando; igrejas foram saqueadas, e os tesouros dos particulares e do governo foram levados” (Dubroca, 1804, p.39). No entanto, em nenhum momento Dubroca nuançou seus argumentos sobre os revolucionários negros. Ou seja, não problematizou as violências do sistema colonial-escravista, tampouco o terror que lhe acompanhava, mas seu objetivo era apresentar a ferocidade, barbaridade, crueldade dos negros.

Michel Étienne Descourtilz, naturalista e médico francês que foi enviado para trabalhar a título de médico na Ilha, publicou, em 1809, a obra *Viagem de um naturalista, e suas observações...*. Nesta obra, ele debruçou-se sobre a importância da história natural, apresentando uma variedade de espécie de

crocodilo em várias colônias francesas, britânica e espanhola nas Américas. No entanto, o que nos interessa aqui figura na parte do livro intitulado *Detalhes do meu cativo por quarenta mil negros, contendo anedotas secretas sobre os reinados de Toussaint-Louverture e Dessalines, Líderes dos negros revoltados em Saint-Domingue; Contribuir para a história da revolução deste país*. O autor apresenta J. J. Dessalines como uma pessoa mal humorada e muito cruel. Ele escreve: “[...] Menos político que Toussaint-Louverture, mas não aberto e mais pronunciado em sua tirania, Dessalines era cruel, irascível e feroz e não dava ouvidos a nenhuma reclamação” (Descourtiz, 1809, p.254). Ele notou que Dessalines era essencialmente cruel com a “classe de gente de cor” – classe mulata, relatando que ele chegou a maltratar a sua própria esposa por ter pedido perdão por alguém. Assim ele escreve: “Este monstro [Dessalines], esquecido dos laços que o uniam a ela [sua esposa], enfrentando as suas lágrimas, insensível às suas súplicas, atormentado por ter que cair de joelhos para implorar a sua piedade por uma classe contra a qual guardava um ódio inextinguível [...]” (Descourtiz, 1809, p.255). A apresentação de Descourtiz explicita que a monstruosidade de Dessalines não tinha limite. Por seu turno, o Tenente-general do exército colonial francês, barão Pamphile de Lacroix, na obra *Memórias para servir à história da revolução de São Domingo*, em tradução livre, salienta que J. J. Dessalines, acima de tudo, manteve um ar selvagem e repulsivo (1819, p.47). Destacando suas impressões quando o conheceu pessoalmente, Lacroix escreve:

[...] Era o General Dessalines. Ele veio pela primeira vez cumprimentar o Capitão General Leclerc. A população de todos os sexos e cores seguiu seus passos. Ela se prostrou quando ele se aproximou. Fiquei mais triste do que indignado. Ideias sombrias e dolorosas me seguiram até o general-chefe; encontrei o General Dessalines em sua antecâmara; o horror que ele me inspirava afastava-me dele; perguntou quem eu era, veio até mim e, sem olhar para mim, disse-me com voz rouca: “Sou o General Dessalines; em “tempos infelizes, general, ouvi muito sobre você”. Seu porte e modos eram selvagens; fiquei surpreso com suas palavras, que anunciavam mais segurança do que remorso. Este bárbaro teve que se sentir forte para ousar ter essa atitude (Lacroix, 1819, p.192).

Uma das preocupações desse autor é apresentar a dimensão selvagem e incivilizada dos líderes da Revolução Haitiana através da figura de Dessalines. Como ele escreve “[...] analisando minuciosamente Dessalines,

percebe-se que os líderes haitianos se mostraram unanimemente desumanos [...]” (LACROIX, 1819, p.256). Para esse autor, os atos revolucionários dos ex-escravizados e ex-escravizadas seriam violências gratuitas e que os bárbaros haitianos não tinham noção do que é justo e injusto. Ou seja, não deveriam agir contra seus algozes da forma que fizeram. Por isso, que “[...] os haitianos pensantes devem sentir que são responsáveis perante a França pelo solo que usurparam, e devem sentir a necessidade de finalmente mostrar moderação, de fazer as pessoas esquecerem os sacrifícios humanos que friamente realizaram quinze meses após o ato da sua emancipação política” (Lacroix, 1819, p.327). Dubroca também não só compartilhava essa mesma visão, mas também apresentava os colonos como pessoas indefesas, inofensivos. Sobre os acontecimentos revolucionários, ele escreve:

Representando mais de cem mil homens, quase selvagens, habituados a cometer todas as barbáries que assolam as terras da África, aproveitando uma noite calma para se lançarem sobre os colonos tranquilos e desprevenidos, como um bando de leões e tigres famintos e sedentos de sangue, buscando capturar sua presa; tal foi o terrível evento que eclodiu no norte da ilha de São Domingos, no mês de agosto de 1791 (Dubroca, 1804, p.12).

Esses autores não consideram que as ações violentas dos negros de Haiti colonial foram respostas dadas às violências dos colonos que desumanizaram sistematicamente as pessoas escravizadas.

Essa descrição continuava em outros autores pró-sistema colonial-escravista, como o geógrafo francês Antoine Metral, que descreve Dessalines como um ser extremamente bárbaro, alguém de alta periculosidade que matava e queimava tudo, de uma forma bárbara que ninguém iguala (Metral, 1825, p. 71-93).

Essa representação construída sobre o líder da Revolução Haitiana se difundiu na literatura historiográfica euro-americana e influenciou até grandes figuras abolicionistas. É o caso do francês Victor Schoelcher que apresentou Dessalines como alguém corajoso, rebelde, invulnerável, mas que recusava tudo que dizia respeito à civilização (Dupont, 2006, p.78). Um abolicionista como Victor Schoelcher, embora ressalte a coragem de Dessalines e reconheça a violência do sistema colonial-escravista, não se distanciou das representações depreciativas feitas sobre o revolucionário

negro. Isso resultou do eurocentrismo predominante nas escritas dos autores euro americanos daquele período.

Embora datadas, essas representações persistem na historiografia até no século XXI. A título de exemplo, a historiadora Catherine Eve Roupet em *Histoire d'Haïti; La première république noire du nouveau monde* (2011), ao analisar as estratégias do General Toussaint Louverture e os principais tenentes que ele tinha a sua disposição durante a segunda fase das lutas em Crête à Pierrot, enumera três dos mais influentes, sendo eles Jean-Jacques Dessalines, Henri Christophe e Maurepas. A descrição que fez sobre Dessalines coloca na ordem do dia as representações feitas por um autor como Dubroca no início do século XIX. Roupet escreve o seguinte: “Ele [Dessalines] é de longe o homem mais feio da ilha; seu rosto é cheio de cicatrizes. Outrora, um escravo particularmente cruel, seu corpo é marcado por chicotes [...] ele não tem moral e nem medo” (Roupet, 2011, p.156).

Se levar em conta o papel da beleza e da feiura na construção do argumento da inferioridade e superioridade racial no século XIX, percebe-se que a dimensão estética integrada pela autora para pensar a figura de Dessalines não é gratuita. Pois, nas literaturas dos fisiognomonistas,⁸ daquele século, o negro simbolizava fealdade, e esta última é uma marca da inferioridade racial.

No entanto, o comportamento e/ou caráter de Jean-Jacques Dessalines suscitam opiniões divergentes em relação à sua postura diante da civilização ocidental. As opiniões contrárias às hegemônicas, em certa medida, levam em conta o contexto da emergência do revolucionário negro. Em trabalhos recentes, Bello (2020, p.13) enxerga na postura de Dessalines, um mecanismo de defesa que lhe permite recusar o sistema na sua totalidade. Bello retoma a ideia de Louis Mercier, em *Contribution de l'île d'Haïti à l'Histoire de la civilisation*, no qual afirma que “ele [Dessalines] era um indomável, e não obedecia aos senhores, precisavam chicoteá-lo com frequência até sangrar” (Mercier,1985, p.59, *apud* Bello, 2020.p.13).

⁸ No século XIX, fisiognomonistas como Séjour de Lorraine defende que a beleza física está em perfeita conexão com as boas qualidades interiores do indivíduo. Ele alega, de um lado, que “amor ou/e harmonia é princípio de toda concórdia revelam vigor do corpo”. De outro lado, salienta que a fealdade do corpo reflete as más qualidades do indivíduo. Ou por outra, “a discórdia ou ódio são a fonte da feiura, da deformidade; deles surgiu a impotência e a monstruosidade do corpo” (LORRAINE, 1857, p. 9).

Embora essa consideração seja positiva, isso não significa que Dessalines não tenha aprendido a ler e escrever. Pois, na obra *Essai sur les causes de la révolution et des guerres civiles d'Hayti* (1819), Baron Pompé de Vastey, em algumas notas salienta que o imperador sabia ler e escrever (Vastey, 1819). Mas se por acaso o imperador não soubesse ler e escrever, isso diminuiria a grandeza de sua realização enquanto revolucionário? Absolutamente não. Quebrar a barreira da escravidão, vencer o exército mais poderoso na sua época, expulsar todos os colonizadores e escravistas é algo de uma grandeza imensurável.

4. Minimização histórica: quem tem poder de minimizar? Por que minimizar?

Minimizar significa fazer com que algo pareça menos importante do que é, apresentá-lo reduzindo seu valor, sua grandeza, seu escopo. É também a tendência de apresentar um evento como trivial ou sem importância. Portanto, a minimização é o ato de diminuir a importância, de trivializar, de amortizar algo ao mínimo.⁹

Não é apenas algo que pode ser minimizado, pois o ato de minimizar pode ser aplicado à contribuição de um sujeito para realização de uma obra grandiosa ou um evento grandioso. Ou seja, um protagonista pode ser minimizado, reduzindo-o ao nível de imprestabilidade para que ele possa deixar de ser considerado relevante. Nesse sentido, a minimização pode ocorrer quando se escolhem ou distorcem eventos que criam desconforto, perturbando a ordem hegemônica estabelecida.

A ideia de minimização introduzida para pensar o tratamento recebido pelo revolucionário haitiano Jean-Jacques Dessalines em boa parte da historiografia dominante do século XIX, se justifica pelo fato de que ele não era uma figura desconhecida. Portanto, seria impossível abordar a história e a historiografia haitiana do século XIX sem olhar para essa personagem. Por ter liderado a Revolução Haitiana, um dos eventos mais significativos na história das Américas e do mundo, (apesar de ela ter sido silenciado dos debates sobre

⁹ Dictionnaire, Petit Robert (2024); Le Robert (2024); Larousse (2024).

a Era das revoluções¹⁰ conforme demonstra Michel-Rolph Trouillot (2016 [1995])), consideramos que Dessalines não pode ser tratado como um esquecido nem como um excluído da história. É uma figura incontornável da história haitiana que embaralhou a historiografia euro-americana por ter sido considerado um dos grandes líderes de uma Revolução que no imaginário ocidental, “era algo impensável” usando a formulação do historiador e antropólogo Trouillot (Trouillot, 2016 [1995]).

A representação de Jean-Jacques Dessalines como selvagem, um ser essencialmente cruel, *buveur de sang* [bebedor de sangue], devorador de branco, um líder idiota e *maladroit* [desajeitado], um pseudorrevolucionário faz parte desse processo de minimização histórica. Ao representá-lo assim, abriu um caminho para que ele não receba a atenção merecida, ao mesmo tempo, quando se faz referência a ele na historiografia hegemônica euro-americana é apenas para exemplificar um líder bárbaro e imprestável, um exemplo a não ser seguido.

Nesse sentido, a minimização histórica seria o ato de trivializar e reduzir, ao nível insignificante, o trabalho e/ou a contribuição de alguém ou de um grupo até de um povo na realização de algo grandioso. A minimização histórica dá ao minimizador uma certa segurança para representar o minimizado de maneira desdenhosa e desprezível.

É apenas o detentor de poder que pode minimizar. Neste caso da minimização histórica, só se pode minimizar o que tem valor. Como o minimizado é uma figura incontornável, não referenciar a ela exigiria alguma justificativa. Para escapar dessa cobrança, tornaria necessária a minimização. A minimização histórica pode acontecer por uma variedade de razões tais como questões ideológicas, políticas, culturais, também e sobretudo, pode ocorrer por preconceito de gênero, de raça. Em relação a Dessalines, a questão racial tinha um papel fundamental. Já que pertencia a uma “raça” que a

¹⁰ A título de exemplo, cabe citar a obra *The age of revolutions, 1789-1848* [A era das revoluções 1789-1848] do historiador Eric Hobsbawm, na qual, a Revolução Haitiana aparece de forma marginal (HOBBSAWM, 1962). O historiador inglês é considerado como um dos melhores analistas deste período histórico, questiona-se o motivo pelo qual a Revolução Haitiana, um dos eventos mais importantes do final do século XVIII e início do século XIX era minimizado. Em certa medida, Michel Rolph-Trouillot deixa entender que isso reflete o poder arquivístico, em seu auge, de definir o que é e o que não é um objeto de pesquisa sério e, portanto, algo que valha a pena ser mencionado. O que faz parte do processo de silenciamento do passado (TROUILLOT, 2016).

filosofia, antropologia física e as ciências naturais do século XIX consideraram como inferior (Déus, 2024).

Nesse sentido, algumas considerações feitas por importantes filósofos europeus podem ser relevantes para visualizar o lugar que os chamados negros foram colocados na história. A primeira é a afirmação do filósofo alemão Immanuel Kant sobre africanos e os assim chamados negros:

Os negros da África não possuem, por natureza, nenhum sentimento que se eleve acima do ridículo. O senhor Hume desafia qualquer um a citar um único exemplo em que um negro tenha demonstrado talentos, e afirma: dentre os milhões de pretos que foram deportados de seus países, não obstante muitos deles terem sido postos em liberdade, não se encontrou um único sequer que apresentasse algo grandioso na arte ou na ciência, ou em qualquer outra aptidão; já entre brancos, constantemente arrojam-se aqueles que, saídos da plebe mais baixa, adquirem no mundo certo prestígio, por força de dons excelentes. Tão essencial é a diferença entre essas duas raças humanas, que parece ser tão grande em relação às capacidades mentais quanto à diferença de cores (Kant, 2017, p.69).

As considerações do filósofo Georg Wilhelm Friedrich Hegel não são diferentes de seu conterrâneo Kant. Se o negro é tratado como desprovido de intelecto nesta obra de Kant, em Hegel, a imbecilidade é apresentada como elemento constitutivo do caráter do negro. Ele afirma que:

De todos estes traços mencionados se depreende que a imbecilidade constitui o caráter do negro. Semelhante situação não é suscetível de desenvolvimento e educação; e como hoje a vemos assim foi sempre. O ético não tem poder algum na ingente energia do arbítrio sensual que aqui predomina. Se alguém desejar conhecer as manifestações terríveis da natureza humana pode encontrá-las em África. (Hegel, 2013, p.212).

Levando em conta as considerações desses influentes filósofos, poder-se-ia ter uma dimensão da ousadia desses chamados negros ao desafiar não só o sistema colonial-escravista, mas também toda uma construção filosófica e científica sobre os povos negros escravizados em relação a sua consciência de liberdade. Assim, faz todo sentido a consideração do inglês Marcus Rainsford em seu *An historical account of the black empire of Hayti* (1805) citado por Susan Buck-Morss, que afirma:

A ascensão do império Haitiano pode afetar decisivamente a condição da raça humana [...]. Poucos noutra época acreditaram que filósofos pudessem ter ouvido impassivos acerca da realização de um tal fato brilhante, até então inédito, ou o pudessem ter confinado à vaga noção daqueles cuja experiência não é admitida em ao espectro da verdade histórica [...]. Está nos registros antigos que negros eram capazes de repelir vigorosamente seus inimigos em própria terra; e um escritor moderno [Adanson, *Voyage à l'Afrique*, 1749-1753] nos assegurou dos talentos e virtudes desse povo, coube, porém, ao fim do século XVIII, realizar o espetáculo que exibiu uma horda de negros que, abandonando um estado de abjeta degeneração, se emanciparam a si mesmos da mais vil escravidão e logo estabeleceram entre si as relações da vida em sociedade, promulgando leis e comandos exércitos nas colônias da Europa [...] (Rainsford, 1805 *apud* Buck-Morss, 2017 p. 69).

As contribuições dos revolucionários, particularmente, de Jean-Jacques Dessalines, foram minimizadas por promoverem atos que desafiaram representações construídas e narrativas estabelecidas sobre os negros. Ao derrotar militarmente o exército de Napoleão, forçando o general francês Rochambeau – líder do exército colonial – a se render, ele acabou com o mito da invencibilidade do colonizador branco. Destarte, o processo de minimização da figura deste revolucionário diz respeito sobretudo a sua ousadia em desafiar diretamente o sistema escravista na sua dimensão mais profunda.

Em certa medida, os historiadores que abordaram a figura de Jean-Jacques Dessalines nessa perspectiva procuram reproduzir e assegurar a perenidade do “lugar” do negro na história. Um lugar onde as pessoas negras são relegadas à serviçal, à escravos que não tinham nada de significativo a contribuir para o desenvolvimento do mundo. Isso explica o porquê, ao longo dos séculos, as narrativas históricas dominantes muitas vezes minimizaram as contribuições dos negros para a história mundial.

As conquistas e experiências dos negros foram marginalizadas criando uma visão distorcida e incompleta da história. Muitos historiadores, filósofos e intelectuais euro-americanos procuraram justificar a escravidão e a colonização retratando os negros como inferiores ou incivilizados. Teorias pseudocientíficas,¹¹ como o racismo científico, foram usadas para legitimar a opressão e a exploração dos negros.

¹¹ Enorme a quantidade de obras filosóficas e científicas produzidas no final do século XVIII e ao longo do século XIX que buscaram categorizar os seres humanos em raças diferentes. Em muitas dessas obras uma hierarquia racial foi estabelecida. Inferior e superior são dois termos

As narrativas históricas racistas perpetuaram estereótipos degradantes de Jean-Jacques Dessalines e na maioria das vezes retratando-o como selvagem, bárbaro, ignorante e inimigo da civilização. Essas representações desumanizantes ajudaram a manter o pai fundador da primeira república negra na era moderna em uma posição de minoridade.

5. Considerações finais

Na lente dos historiadores colonialistas, Dessalines foi retratado como um criminoso astuto, tenaz e sanguinário, analfabeto e primitivo. A história de Dessalines nos ensina que quando opressores-derrotados escrevem a história dos ex-dominados vencedores, a fizeram de forma hedionda, truncada e falsificada, para mostrar que eles sempre têm controle de tudo. Isto é, opressores-derrotados nunca escreveriam a história dos ex-dominados vencedores sem minimizá-la. Para minimizar ainda mais os esforços de Jean-Jacques Dessalines, o escritor francês Dubroca criticou os abolicionistas e os acusou que espalharam a ideia de liberdade em uma população selvagem e feroz que acabou fazendo uso terrível dela. Isso significa que, para esse escritor, os negros não tinham nenhuma noção do que é a liberdade.

Embora este trabalho seja sobre Dessalines, é importante notar que todos os líderes da revolução haitiana [Boukman, Biassou, Jean-François e Louverture, Dessalines e Christophe] eram retratados como imorais e ferozes incompatíveis com os valores civilizatórios (Francesco, 2022). Neste sentido, fica nítido que a liberdade na concepção desses autores não se aplicaria às pessoas negras escravizadas. Também minimizar a excepcional importância histórica e política desses líderes é uma forma de banalizar a própria Revolução Haitiana por eles realizadas.

Se a figura de Jean-Jacques Dessalines desde o século XIX está sendo minimizada, é um imperativo continuar a escrever a história deste homem, colocá-lo no seu contexto, pondo-o no lugar merecido na historiografia

que estabeleceram o antagonismo racial. A chamada raça negra era tomada como naturalmente inferior enquanto a chamada raça branca era tida como superior. Por exemplo, botânico sueco Carl Von Linné (1735; 1736); zoólogo alemão, Johann Friedrich Blumenbach (1795) o pai da anatomia comparada Jean Leopold Nicolas Frédéric Cuvier (1817; fundador da Société d'Ethnologie de Paris (SEP), William Frederic Edwards (1829); o considerado pai do racismo moderno Joseph Arthur de Gobineau (1853 e 1855); o fundador da Société d'Anthropologie de Paris (SAP) cirurgião Paul Broca (1860) entre outros.

mundial. Já que sua contribuição não se restringe ao Haiti, nem apenas América, tampouco ao povo negro, mas diz respeito a toda humanidade. Foi com a Revolução Haitiana liderada por Dessalines que a liberdade, categoria muito cara pelos euro-americanos, passou a significar liberdade para todos os seres humanos na face da terra (Trouillot, 2016; Buck-Morss, 2017). Não é por acaso que na Constituição de 1805 publicada por Jean-Jacques Dessalines, havia escrito “todos os mortais são iguais na presença do Ser Supremo” (Rossignol, 1992). De acordo com Jean Price-Mars, para os revolucionários haitianos, o povo haitiano, pela virtude intrínseca de sua existência, testemunhou que a escravidão é uma odiosa negação dos direitos humanos. Portanto, deixou nítido que nenhum ser humano poderia ser propriedade de outro ser humano. Além disso, expressou a livre possibilidade de todo homem para o livre desenvolvimento de sua personalidade. Afirmou a igualdade de todos perante os privilégios inalienáveis ligados à própria essência da natureza humana (Price-Mars, 2010, p.37 [1953]).

A escolha de tratar Jean-Jacques Dessalines neste artigo é pelo fato dele ser uma das figuras fundamentais da história haitiana, embora seu tratamento na historiografia hegemônica, particularmente do século XIX, seja sempre desumanizante. Isto é, ele é sempre associado à ideia de animalidade, ligado a características como brutalidade, barbárie, crueldade e criminalidade (Francesco, 2022). Portanto, este trabalho se inscreve numa tentativa de desconstrução do retrato negativo e depreciativo que é a base da minimização deste revolucionário particular.

A minimização de Dessalines enquanto revolucionário na historiografia dominante do século XIX foi influenciada não só pelo eurocentrismo, mas também pela ideia de superioridade racial e pela tentativa de deslegitimar uma revolução bem sucedida feita por pessoas negras, desafiando profundamente a ordem colonial-escravista estabelecida.

Em suma, a categoria minimização histórica mobilizada nos ajuda a pensar a maneira como aqueles que tinham/têm poder escrevem a história. Já que minimizar é, antes de tudo, um ato de poder. A diminuição do valor, da grandeza e da importância da contribuição de pessoas relegadas ao estágio de cidadãos de segunda classe é uma maneira de manter e legitimar as narrativas dominantes. Ou seja, ao diminuir o valor e a importância dessas contribuições, os detentores do poder conseguem perpetuar uma visão

distorcida da história, que reforça e legitima suas próprias perspectivas para proteger seus interesses. Isso não apenas silencia as vozes das pessoas relegadas a cidadãos de segunda classe, mas também molda a percepção pública sobre quem merece reconhecimento e cujas histórias são consideradas relevantes.

Referências bibliográficas

BELLO, B. **Jean-Jacques Dessalines: 21 pwen konnen sou lavi Li**. Port-au-Prince; Fondasyon Felicite, 2020.

BLUMENBACH, J. F. **De l'unité du genre humain, et de ses variétés**. 3. éd. Fréd. Paris: Chardel 1804 [1795].

BROCA, P. **Recherches sur l'hybridité animale en général et sur l'hybridité humaine en particulier**: considérées dans leurs rapports avec la question de la pluralité des espèces humaines. Imprimerie de J. Claye 7, Paris, 1860

BUCK-MORSS, S. **Hegel e o Haiti**. São Paulo: n-1, 2017.

COLBERT, J-B. **Le code noir**: Recueil d'edits, declarations et arrêts concernant les esclaves negres de l'Amerique. Paris: Chez les Libraires Associés, 1685.

DÉUS, F. R. Dénegrification do mundo & o devir-negro do mundo: dois processos de exterminação? **Dilemas - Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. 2024, v. 17 n. 1. DOI: <https://doi.org/10.4322/dilemas.v17.n.1.53179>

DUBROCA, L. **La vie de J.-J. Dessalines, chef des noirs révoltés de Saint-Domingue, avec des notes très détaillées sur l'origine, le caractère, la vie et les atrocités des principaux chefs des noirs, depuis l'insurrection de 1791**. Paris; [s.n]. 1804

DUPONT, B. **Jean-Jacques Dessalines: Itinéraire d'un révolutionnaire**. Paris; l'Harmattan, 2006

EDWARDS, W. F. **Des caractères physiologiques des races humaines considérés dans leurs rapports avec l'histoire**; Lettre à M. Amédée Thierry. Imprimerie de Mme Ve. Dondey-Dupré, Paris, 1841.

FIRMIN, A. **De L'égalité des races humaines**. Paris: Librairie Cotillon, 1885.

FRANCESCO, A. de. A racist revolutionary: the literary career of Jean-François Dubroca as a propagandist of the French Consulate, 1800-1804. **La Révolution française** [online], 22 | 2022. Acesso: 28 maio 2024. URL: <http://journals.openedition.org/lrf/6347>; DOI : <https://doi.org/10.4000/lrf.6347>

FREITAS, A. T. Leis Civis. In: FREITAS, A. T. **Consolidação das leis civis**, vol. 1 Ed. fac-sim. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2003 [1858].

GOBINEAU, J. A. **Essai sur l'inégalité des races humaines**. Paris: Éditions Pierre Belfond, 1855.

HEGEL, G. W. F. **A razão na história**: textos filosóficos. Tradução: Arthur Morão. Lisboa-Portugal: Biblioteca Nacional de Portugal, 2013.

HOBBSAWM, E. J. E. J. **The age of revolutions, 1789-1848**. Nova York: New American Library, 1962.

JAMES, C. L. R. **Os Jacobinos negros; Toussaint L'ouverture e a revolução de São Domingos**. São Paulo: Boitempo, 2010 [1938].

JANVIER, L.-J. **L'Égalité des races**: anthropologie positive. Paris: G. Rougier, 1884.

KANT, I. **Observações Sobre o Sentimento do Belo e do Sublime**: Ensaio Sobre as Doenças Mentais. Lisboa: Edições 70 LDA, Tradução: Pedro Panarra, 2017.

LORRAINE, S. de. **Les secrets de la beauté du visage et du corps de l'homme et de la femme: traité complet d'hygiène, de physiognomie** et [...], 2. Ed. Paris: Chez Le Doyen, Librairie-éditeur, 2. Ed. 1857.

ANTOINE, M. **Histoire de l'expédition des Français, a Saint-Domingue, sous le consulat de Napoléon Bonaparte**. Paris; Fanjat Aîné, 1825

MADIOU, T. **Histoire d'Haïti**. t.II, Port-au-Prince: Henri Deschamps, 1989[1847]

MERCIER, L. **Contribution de l'île d'Haïti à l'Histoire de la civilisation**. Ed. Fardin, 2014[1949].

MONTESQUIEU, C. de S. de. **De l'esprit des lois**. São Paulo: Martins Fontes, 2000 [1748].

N'DIAYE, T. **Le génocide voilé**: enquête historique. Paris: Gallimard, 2088.

PATTERSON, O. **Escravidão e Morte Social**: um estudo comparativo. Tradução Fábio Duarte Joly. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

PRICE, H. **De la réhabilitation de la race Noire par la République d'Haïti**. Port-au-Prince: Les Éditions Fardin, 1898.

PRICE-MARS, J. **La République d'Haïti et la République dominicaine**: Les aspects divers d'un problème d'histoire, de géographie et d'ethnologie. Tome I. Quebec: Les Classiques des Sciences Sociales, Édition en ligne, 2010 [1953].

ROUPET, C.-E. **Histoire d'Haïti: La première république noire du nouveau monde**. Paris; Perrin, 2011.

ROSSIGNOL, M-J. La première Constitution d'Haïti et la presse américaine: étude de cas. **Revue Française d'Études Américaines**. N°52, mai 1992. La censure aux Etats-Unis. pp. 149-160.

SALA-MOLINS, L. **Le Code Noire ou le calvaire de Canaan**. Paris: Presses Universitaires de France, 1987.

TROUILLOT, M-R. **Silenciando o passado**: poder e a produção da história. Tradução de Sebastião Nascimento. Curitiba: Huya, 2016.

VASTEY, B. P. de. **Le système colonial dévoilé**. Cap-Henry: P. Roux, 1814.

VASTEY, B. P. de. **Réflexions sur une lettre de Mazères, ex-Colon français, adressée à M.JC.L. Sismonde de Sismondi**. Cap-Henry: P. Roux, 1816.

VASTEY, B. P. de. **Essai sur les causes de la révolution et des guerres civiles d'Hayti**: faisant suite aux réflexions politiques sur quelques ouvrages et journaux français, concernant Hayti avec différentes pièces. Imprimerie Royale, 1819.

VERNON, V. P. Essai sur les origines et les auteurs du Code Noir. **Revue internationale de droit comparé** Vol. 50 N°1, 1998. P. 111-140. Disponível em: https://www.persee.fr/doc/ridc_0035-3337_1998_num_50_1_1120. Acesso: 09 de julho 2024.